

## **O FUTURO MEDIADOR DE LEITURA E SEU PRÓPRIO SUCESSO NA AQUISIÇÃO E DOMÍNIO DA LEITURA**

SOLIMAR PATRIOTA SILVA (UNIGRANRIO - UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO).

### **Resumo**

Aprendemos a ler apesar dos professores e do espaço escolar? Se a escola é ainda o local privilegiado para a formação de leitores críticos, convém dar voz a seus sujeitos, os alunos, a fim de que reflitam sobre o que contribuiu para seu sucesso durante seu processo de aquisição e domínio da leitura. Isto é especialmente relevante quando estes alunos estão em um curso de formação para se tornarem futuros mediadores da leitura. Assim, o objetivo desta comunicação é apresentar um estudo, em sua fase preliminar, que busca examinar narrativas de quarenta alunos do primeiro período do curso de Letras e de Pedagogia da UNIGRANRIO – Universidade do Grande Rio, situada na Baixada Fluminense, quanto à sua relação com a leitura durante a fase escolar e quais os fatores que foram preponderantes para o sucesso no desenvolvimento do gosto pela leitura. Este estudo, de cunho qualitativo e etnográfico utiliza questionários com perguntas abertas e fechadas, bem como entrevistas semi-estruturadas, nas quais procura-se ouvir as memórias desses alunos e resgatar em suas narrativas o que consideram como pontos importantes para a sua formação como leitores. Resultados preliminares mostram que esses alunos, oriundos das classes populares, consideram central o papel da escola no desenvolvimento do gosto ou no antagonismo pela leitura. Ainda, ao escrever suas memórias, esses futuros professores repensam práticas bem-sucedidas das quais podem lançar mão como futuros mediadores de leitura.

### **Palavras-chave:**

leitura, formação de leitores, mediação de leitura.

Na sociedade grafocêntrica em que vivemos, ninguém ousa dizer que ler não é uma atividade relevante. Contudo, apesar de muita pesquisa e discussão sobre o assunto, ainda vemos resultados alarmantes sobre a quantidade de livros lidos no Brasil ou o nível de entendimento de nossos leitores em provas nacionais e internacionais.

Esses dados tornam-se mais preocupantes no que se refere à formação de leitores oriundos das classes populares, pois geralmente estão inseridos em ambientes e cercados por adultos não-leitores; dependendo quase que exclusivamente da escola para a sua formação leitora.

Afinal, será que a escola interfere no aprendizado significativo da leitura? Isto porque, embora ela exerça “um papel de máxima importância no processo de preparação de leitores” (Silva, 1999: 55), “os estudos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores” (Martins, 2006: 12).

Dessa forma, se realmente a escola se constitui local privilegiado para a formação de leitores críticos, convém ouvir os alunos oriundos das classes populares para saber o que de fato contribuiu para seu sucesso no domínio da leitura. Isso se torna especialmente importante quando se encontram em cursos de formação para professores, visto que serão futuros mediadores da leitura.

Assim, este trabalho surgiu no intuito de investigar as concepções de leitor e leitura de alunos do primeiro período dos cursos de Letras e Pedagogia da Unigranrio, instituição de ensino superior da rede privada no Rio de Janeiro, bem como identificar, através de suas próprias narrativas, a influência exercida por professores e pela escola nesse processo de aquisição e domínio da leitura e a que atribuem seu sucesso como leitores.

Dados preliminares apontam que esses alunos revelam a crença de que, para ser bom leitor, é necessário gostar do ato de ler e creditam a professores seu maior interesse pela leitura.

## O estudo

Duas turmas-piloto de primeiro período foram selecionadas e um total de cento e um alunos foi abordado para serem voluntários nesse estudo, bastando que se considerassem bons leitores. Propositadamente, não se trabalhou previamente a concepção de "bom leitor", deixando que os próprios alunos, a partir de suas crenças e conceitos, fizessem essa distinção.

Em uma das turmas, do curso de Pedagogia, com 57 alunos, apenas oito (14%) se consideraram "aptos" para participar da pesquisa. Na turma do curso de Letras, com 44 alunos, um total de 13 (30%) se dispôs a servir como voluntário na pesquisa.

Os alunos não-voluntários ao serem inquiridos informalmente sobre o porquê de não participarem, diziam que não se consideravam bons leitores, pois, conforme alguns explicavam, "para ler tem que entender. E nem sempre entendo o que eu leio".

Esse tipo de resposta revela que, mesmo após terem passado onze anos na escola, esses alunos não possuem auto-confiança para se considerarem bons leitores.

Os vinte e um voluntários nessa primeira fase do estudo preencheram um questionário com perguntas sobre sua concepção de bom leitor, a influência de professores no aumento de seu interesse pela leitura, gêneros discursivos favoritos e a que atribuem seu gosto pela leitura.

Leitura: conceitos e ensino

Não basta alguém estar alfabetizado para se tornar letrado, um leitor autônomo e crítico (Soares, 2003; Martins, 1999; Villardi, 1999, entre outros). Afinal, ler é muito mais do que meramente decodificar palavras. Contudo, para Martins (1999), o conceito de leitura ainda se encontra restrito à decifração, embora sua aprendizagem esteja diretamente relacionada ao “processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.” (p.22)

Em um sentido mais amplo, concordamos que “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas para exercer a cidadania.” (Villardi, 1999:4)

Para que isso aconteça, destaque-se a importância de que o ensino da leitura, bem como o ensino da língua de um modo geral, seja feito com base na ênfase do estudo de um número cada vez maior de gêneros discursivos (PCN, 1997), porque tudo o que comunicamos só é possível através de algum gênero discursivo (Bakhtin, [1979] 2000; Kress, 1993; Meurer, 2000).

Vários autores defendem a idéia de que é necessária uma “alimentação permanente e variada de textos escritos” (Serra, 1999) e que os professores devem ofertar tipos de textos variados, para que o aluno se familiarize com os mais variados tipos de discurso (Villardi, 1999; Prado, 1999), pois as novas demandas dos contextos sociais tornam necessário o domínio dos mais diversos gêneros para a socialização e cidadania dos aprendizes (Marcuschi, 2002; Johns, 2002 *in* Silva, 2006).

Esse uso variado de tipos textuais na formação de leitores é o que vai contribuir para que estes sejam competentes na escolha de “textos que [atendam] às suas necessidades e [usem] procedimentos adequados para ler.” (Prado, 1999:83)

Leitura: panorama nacional

Os índices de leitura por habitante nos países desenvolvidos chegam à média de dez livros. Lima (2004) aponta que na Alemanha esse número atinge a marca de 25 livros por pessoa, enquanto que, no Brasil, chegamos aos medíocres dois livros por habitante, quando aí já incluídos os livros didáticos.

Obviamente esses são apenas dados estatísticos, ou seja, a *média*, pois, como sabiamente apontou uma aluna do ensino fundamental que havia lido cerca de 16 livros em um ano, “andaram distribuindo meus outros catorze livros para umas sete pessoas que não leram nada!”

Por outro lado, vez por outra nós nos deparamos com afirmações de que ler bem é ler qualitativamente, não sendo a quantidade fator determinante para se avaliar se houve uma boa leitura. No entanto, se aprendemos a ler lendo, a quantidade também será um fator importante a ser analisado ao falarmos de leitura. Afinal, os altos índices nas provas de leitura estão também relacionados aos países onde o número de livros lidos por habitantes é alto. Por exemplo, a Finlândia alcança o patamar de leitura de 26 livros por pessoa e ocupou o primeiro lugar, em 2001, na prova de leitura do Programa Internacional de Avaliação de Alunos, o Pisa.

Outra questão que merece ênfase é a necessidade de se expor a criança desde cedo a bons materiais de leitura e adultos leitores se almejamos formar leitores para a vida inteira (Villard, 1999; Prado, 1999). O Instituto Pró-Livro realizou uma pesquisa em 2007, publicada em “Retratos da Leitura no Brasil” e Cunha (2008:13), ao tecer considerações sobre a pesquisa chama nossa atenção para os dados, apontando que “86% dos não-leitores nunca foram presenteados com livros na infância, enquanto no universo dos considerados leitores esse índice cai para 48%. Além disso, diz que

nos lares dos não-leitores, 55% nunca viram os pais lendo". E resume o quadro da falta de leitura na família, dizendo que, assim, "torna-se muito difícil a inculcação pela família do valor da leitura".

Sabendo-se, então, que principalmente os alunos das classes populares não tem contato com livros e leitores em suas casas, cabe a escola "oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores e práticas de leitura eficazes" (Prado, 1999:83), até porque, como afirma Martins (1999:25), "principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros (...)". No entanto, essa mesma autora aponta que o material de leitura na escola não é capaz de propiciar

aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pela publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. (p. 28)

No que se refere à fragilidade da escola em dar conta da formação de leitores, Villardi (1999:3) diz que "pouco se tem feito para instrumentalizar o professor para realizar o trabalho de leitura". Daí a importância de que "o professor resgate a sua identidade leitora" (Serra, 1999: 48), posto que "será difícil encontrar um aluno que leia sem um professor leitor" (Prado, 1999:86).

Desta forma, é relevante dar voz aos alunos oriundos das classes populares e saber como alcançaram com êxito sua formação como leitores, apesar de todas as mazelas familiares e fragilidade escolar. Resgatar sua relação com a leitura durante sua fase escolar e que fatores foram cruciais para o sucesso no desenvolvimento pelo interesse pela leitura, a fim de que a reflexão sobre o que contribui para seu sucesso possa servir de orientação em seu trabalho futuro como mediador da leitura.

Afinal, como afirma Paulo Freire (2006: 11)

a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

E se aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, convém dar eco a Martins (1999:34) ao destacar que fazemos isso sem ser ensinados e afirmar que, então,

a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá (...)

Concepção de bom leitor e influência de professores no domínio da leitura

Ao serem questionados sobre o que é ser bom leitor, os 21 alunos do estudo escreveram frases curtas, as quais podem ser agrupadas em três categorias, conforme se depreende da Tabela 1, abaixo:

<b>Concepção de bom leitor</b>	<b>Nº de respostas</b>	<b>Percentual</b>
Ser bom leitor é gostar e/ou ter o hábito de leitura	13	45%
Ler bem é entender o texto	10	35 %
É utilizar o que se lê, mudando a vida ou transmitindo o que leu a outros.	06	20%

Tabela 1: O que é ser bom leitor?

Primeiro, em relação ao número de respostas da tabela acima, há que se destacar que o total de vinte e nove respostas deve-se ao fato de alguns alunos haverem dado mais de uma resposta à pergunta "O que é ser bom leitor?". O percentual, assim, refere-se ao número total de respostas dadas, não ao número de participantes da pesquisa.

Conforme se depreende da Tabela 1, um número considerável de respostas (45% do total) relaciona a característica de um bom leitor ao fato de a pessoa gostar ou ter hábitos constantes de leitura. Convém enfatizar que os alunos pesquisados não fazem distinção entre gosto ou hábito de leitura, o que nos faz perceber que essa é apenas uma questão de nomenclatura em algumas publicações sobre o assunto. Isso fica evidente nas respostas escritas dos alunos, onde ambas as palavras aparecem na mesma resposta, conforme podemos depreender do extrato do aluno 9, abaixo:

Aluno 9: Ser bom leitor "é *gostar* de ler; desenvolver sua leitura, tornando-a um *hábito*." (grifos nossos)

Esse número alto relacionado ao gosto ou hábito de ler se coaduna com o que vários autores afirmam ser necessário desenvolver em nosso alunado, para que tenhamos não apenas leitores que leem por obrigação ou esporadicamente, mas, sim para a vida inteira. (Bamberger, 1995; Niskier, 1999; Villardi, 1999).

Em segundo lugar, com 35% das respostas, esses futuros mediadores da leitura atribuem a capacidade de entender o texto como uma das principais características de um bom leitor. Desta forma, esses futuros professores percebem que apenas alfabetizar um aluno não garantirá que ele se forme um leitor proficiente. Mostram a necessidade de alinhar a leitura ao conceito mais amplo que o da mera decodificação.

Ao analisarmos essas duas respostas, vemos que 80% das respostas associam o gostar de ler e entender o texto como características principais de um bom leitor. Esse é um dado que não pode ser ignorado e encontra respaldo em Bamberger (1995:22) ao afirmar que muitas crianças não leem livros justamente porque não sabem ler direito e que:

Ninguém gosta de fazer coisas em que encontra muita dificuldade. Obedecendo à lei do menor esforço, o comportamento mais comum, num caso assim, será recorrer a outro tipo de passatempo ou informação, ou se contentar com a ociosidade intelectual, isto é, perder o interesse pela educação permanente. Também se examinaram casos de alunos que gostam de ler e que, portanto, leem muito. Essas crianças revelavam habilidades de leitura muito bem desenvolvidas, liam mais depressa e compreendiam melhor do que o aluno médio.

Embora acreditemos que gostar de ler não é fator único na composição de um bom leitor, não resta dúvidas de que o aluno que se sente frustrado com a tarefa de ler estará fadado a desistir mais facilmente do processo de domínio da leitura, não desenvolvendo completamente suas potencialidades e habilidades como leitores.

Apenas 20% se referiu ao uso que o leitor faz com a informação obtida pela leitura como uma característica de um bom leitor, quer seja mudando algo em sua própria vida ou através da transmissão do que se leu a terceiros. Essa característica confere o que Prado (1999:83) diz ser necessário ao leitor competente: a escolha de textos que atendam às suas necessidades, visto que, "(...) mesmo na leitura do texto escrito, não é apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das circunstâncias de vida(...)" (Villardí, 1999:13-14). Assim, ao fazer a conexão com todo esse sistema de relações e áreas do conhecimento, o leitor estará fazendo da leitura um ato pragmático e significativo que o destacará de um mero decodificador da língua.

Em seguida, no que tange a influência dos professores no desejo de ler mais, temos o seguinte quadro:

SIM	17	81%
NÃO	03	14%
Não lembro	01	05%

Tabela 2: Influência de professores no desejo de ler mais

A tabela 2, acima, mostra a importância dos professores no desenvolvimento do interesse pela leitura, visto que um total de 81% dos entrevistados citaram a influência de algum mestre durante seu processo de aquisição da leitura.

Os alunos que responderam “não” referiram-se a professores que faziam da leitura algo obrigatório no bimestre, escolhendo os livros que deveriam ser lidos por toda a classe e destacando que os mesmos serviam apenas como mais um instrumento de avaliação ao final. Um dos alunos disse não ser influenciado por professores, mas por amigos que emprestavam livros.

Esse número elevado de professores ou amigos que sugeriram livros e influenciaram positivamente é um dado que corrobora as descobertas da pesquisa de 2007 do Instituto Pró-Livro, publicado em Retratos da Leitura no Brasil (2008). Cunha, analisando os dados de modo geral, ressalta que:

na pergunta sobre quem mais influenciou o entrevistado no seu gosto pela leitura, a resposta “ninguém” vem sendo cada vez menos acionada pelos mais jovens: de 34% entre os mais velhos, a opção vai decrescendo até os mais novos, para os quais ela chega a apenas 5%. E, pelo menos na memória dos entrevistados, os professores atualmente leem mais para seus alunos. (p.17)

A maioria das respostas dizendo ter havido influência de professores para o aumento do interesse na leitura, surpreendentemente, citou professores do segundo segmento do ensino fundamental e de todo o ensino médio, inclusive professores de outras disciplinas além de Língua Portuguesa. Isso é bastante interessante, especialmente se levarmos em consideração que todos são co-autores no processo de formação de leitores.

Alguns citaram a importância do professor da sala de leitura na escola no 8º ano do ensino fundamental; amizade com o professor; admiração por algum professor que sempre contava sobre os livros que lia ou que sabia tantos assuntos e atribuía isso à leitura. Outros, embora bem poucos, também destacaram os livros interessantes que foram recomendados pelos professores de Português para se ler em cada bimestre ou semestre.

Preferências de leitura e como se desenvolveu o interesse pelo ato de ler

Ao se referirem ao tipo de leitura preferido, as revistas e livros foram assinalados como os preferidos. As primeiras pela agilidade da informação, poder de escolha dos tópicos de interesse e atualização da informação. Os livros foram mencionados como favoritos por proporcionar ao leitor 'viajar na história, sem sair do lugar', como vários assinalaram.

Destacaram-se os romances e os livros de aventura como os preferidos dos alunos pesquisados. Martins (1999), ao apresentar os três níveis de leitura – sensorial, emocional e racional – nos dá uma pista do porquê dessa preferência assinalada pelos entrevistados, ao dizer que a leitura emocional é o nível de leitura mais comum de quem diz gostar de ler, visto que é a que proporciona o escape emocional que muitos leitores buscam, seja qual for a classe social: o prazer e a distração de ler um texto. É exatamente o nível alcançado pela leitura de fotonovelas, romances, aventuras, etc.

Por fim, ao serem questionados sobre a que atribuem seu gosto pela leitura, apenas um aluno respondeu que, apesar de se considerar bom leitor, não gosta da atividade de ler.

A tabela 3, abaixo, traz as demais respostas dos entrevistados.

<b>Entrevistado</b>	<b>Resposta dada</b>
01	Perceber que poderia viajar nas histórias e aprender.
02	Querer ser educadora. Seu gosto pela leitura foi ampliada pelos diversos gêneros (contos infantis, poesia, histórias de vida, auto-ajuda, etc.)
03	Começou a ler na escola através dos professores e se fica sem ler já sente um certo vazio.
04	Aos professores que teve, pois estes ensinaram a leitura como algo prazeroso e indispensável para a formação.
05	Faltou ser mais estimulada. Para ler tem que estar muito interessada pelo conteúdo.
06	A uma professora que fazia da leitura a sua vida e [a aluna] gostava muito das aulas de leitura.
07	Ver a sabedoria do professor.
08	Desde criança, lendo gibis e mini-livros em casa.

09	Professores de 1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> séries liam livros e isso despertou interesse. Gibis da Turma da Mônica foram a alavanca para fazer gostar de ler.
10	Começou a gostar por querer descanso e distração da mente.
11	Não gosta de ler porque nunca foi cobrada para tal. Lê o que interessa. Se não, depende da situação para ler. Se é obrigação, não acha 'legal'.
12	Grande vontade de adquirir informações.
13	Na faculdade está aprendendo a gostar de ler, os professores incentivam.
14	Sempre gostou de ler muito, sempre teve contato com leitura através da mãe, que dava livros interessantes. Também foi incentivada no ensino fundamental.
15	As histórias de gibis e aventuras.
16	Gosta de ler porque isso abre a mente para novos conhecimentos e adquire novas palavras.
17	Necessidade de estar ciente sobre o que ocorre ao redor.
18	Mãe e avó contaram histórias. Então, quando começou a ler, percebeu que podia ter o mundo que imaginava.
19	Gosta de estar informada e conhecer palavras, poder viajar pelo mundo todo através da imaginação.
20	A um grande material de literatura infantil que teve na infância.
21	Incentivo dos pais e a curiosidade para saber o final da história.

Tabela 3: A que atribuem seu gosto pela leitura?

Podemos perceber que as respostas se enquadram em cinco grupos, conforme se depreende da tabela 4, abaixo, a qual apresenta um total de vinte e quatro respostas:

<b>Grupo</b>	<b>Resp.</b>	<b>%</b>	<b>Motivo desencadeador do interesse pela leitura</b>
01 – Professores	7	28	Sabedoria de algum professor ou incentivo de professores para a leitura.

02 - Estímulo familiar	6	24	Incentivo recebido na infância, na família.
03 - Conhecimento	5	20	Desejo de informação, novos conhecimentos, formação profissional.
04 – Entretenimento	4	16	Possibilidade de viajar nas histórias, obter descanso ou distração.
05 - Gêneros interessantes	3	12	Os próprios gêneros a que foram expostos.

Tabela 4: Principais motivos desencadeadores do interesse pela leitura

Conforme se depreende da tabela 4, acima, mais da metade das respostas (52%) atribui o interesse pela leitura ao incentivo recebido, seja na família (24%) ou através de algum professor (28%), mostrando, assim, uma leve preponderância do papel da escola no desenvolvimento de leitores. O desejo de obter mais informação e adquirir mais conhecimento como elemento desencadeador do aumento no interesse pela leitura, talvez em virtude da crença na ascensão social ocasionada pelo maior nível de instrução, foi apontado por 20% dos entrevistados como importante para o aumento de seu interesse na leitura. Já 16% relatam o prazer encontrado na leitura como facilitador para se gostar da atividade. Apenas 12% mencionaram especificamente alguns dos gêneros que serviram como estímulo para a leitura, todos relacionados com o nível emocional de leitura (Martins, 1999).

#### Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos apresentar as concepções de leitor e leitura de alunos do primeiro período dos cursos de Letras e Pedagogia de uma instituição privada de nível superior, bem como a que atribuem seu sucesso como leitores. Embora em fase preliminar, esta pesquisa visou dar voz aos sujeitos, os alunos, para que, através de suas memórias e narrativas, possam resgatar as práticas bem-sucedidas em sua formação, das quais poderão lançar mão como futuros mediadores da leitura.

Será importante, em um trabalho futuro, aplicar algum recurso que permita avaliar se os participantes podem ser considerados leitores proficientes, visto que esta

pesquisa limitou-se à auto-percepção dos voluntários quanto a serem ou não bons leitores. E, conforme destacado, o fato de gostar de ler não é fator decisivo para se apontar a presença, de fato, de bons leitores.

Contrariando algumas pesquisas que afirmam que a escola não contribui para a formação de leitores críticos, percebemos nesse estudo que a escola ainda é espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura, principalmente dos alunos oriundos de ambientes não-leitores e que professores que leem exercem grande influência no interesse pela leitura de seus alunos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, M., Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**, São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000, pp. 278-326.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Maria Antonieta da. Acesso à leitura no Brasil: Considerações a partir da pesquisa. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=57>.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

INEP. **Avaliação internacional mostra desempenho de alunos em 43 países**. 01 de julho de 2003. Disponível em [http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news03\\_25.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news03_25.htm), acessado em abril de 2009.

KRESS, G. Genre as social process. In COPE, B & KALANTZIS, M. (eds.). **The power of literacy**: a genre approach to teaching writing. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1993, pp. 22-27.

LIMA, Raymundo de. **A in-compreensão da leitura**. Revista Espaço Acadêmico, nº 33, fevereiro/2004. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/033/33lima.htm>, acessado em 06/07/2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MEC – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília : MEC/SEF, 1997.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In FORTKAMP, M.B. & TOMICH, L.M.B (orgs.) **Aspectos da lingüística aplicada**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000, pp.1490-166.

NISKIER, Arnaldo. Um país se faz com homens e livros. *In* PRADO, Jason & CONDINI, Paulo (orgs). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 17-22.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. *In* \_\_\_\_\_. **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 81-84.

PRADO, Jason. Ingenuidade e inconseqüência. *In* \_\_\_\_\_. **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 85-88.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. O direito à leitura literária. *In* \_\_\_\_\_. **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 45-50

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A formação do leitor no Brasil: o novo/velho desafio. *In* \_\_\_\_\_. **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 55-59.

SILVA, Solimar Patriota. **Os gêneros discursivos em livros didáticos de inglês como língua estrangeira**: representações e implicações pedagógicas. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.